

*Mídia e espetáculo no culto ao corpo:
o corpo miragem.*

Professora doutora Mirela Berger

Docente da Universidade Federal do Espírito Santo

Espírito Santo, Ponta da Fruta, maio de 2007.

Mídia e espetáculo no culto ao corpo: o corpo miragem.

Palavras chaves: corpo feminino, mídia, identidade, anorexia, bulimia, culto ao corpo e estética da perfeição

Este artigo reflete sobre alguns dados de campo de minha tese de doutorado sobre corpo e identidade feminina. Quero discutir em especial a importância da mídia no fenômeno do culto ao corpo, principalmente no que diz respeito aos distúrbios alimentares. A pesquisa foi realizada com 80 mulheres malhadoras de classe média-alta na academia de ginástica “Cia Atlética”, em São Paulo.

Uma das principais evidências que a pesquisa constatou é que a comunicação é um dos pilares do atual culto ao corpo, embora autores como Lucien Sfez¹ proclamem a substituição do culto à informação por uma “religião” biogenética, calcada na “*utopia do corpo*”. No entanto, acredito, ao contrário de Sfez, que a comunicação está vivíssima, e mais, é a grande aliada e ao mesmo tempo veiculadora desta utopia do “corpo perfeito”. O desafio está em procurar descobrir como estes dois pilares muitas vezes se entremeiam, precisam disto para sobreviver e mais, dizem muito a respeito da concepção de pessoa e dos valores centrais à nossa sociedade.

Para 96% da amostra a mídia influi no processo de culto ao corpo. Todas mencionam a leitura de revistas ligadas à aparência física, como “Boa Forma”, “Dieta Já”, entre outras, e assinalam que a mídia auxilia a propagar o culto ao corpo:

“Eu acho que a mídia influencia em tudo, nas revistas, na televisão, em tudo quanto é lugar. Muito. Você só vê aquela perfeição. A mídia bombardeia a gente com imagens, então você tem que trabalhar a cabeça pra você não chegar a se sentir feia, se sentir mal” (Mulher 43, 39 anos).

¹ Sfez, Lucien - “Saúde Perfeita é utopia do final de século.”; In: O Estado de São Paulo, 7 de outubro de 1995, n.788, ano 16.

“Mais uma vez a mulher, coitada, se vê escrava do culto ao corpo, o que é uma pena, a gente luta, luta, luta e mais uma vez a mídia... Eu não vou fazer cirurgia de peito por causa da estética, mas muitas estão fazendo, nós estamos sendo massacradas pela mídia.” (Mulher 69, 45 anos).

“Pode, pode sim, há um estímulo enorme para que se cultue estes padrões estéticos de juventude, que levam consigo a magreza, para que se seja feliz, está claramente vinculado a felicidade a isto na mídia. A mídia tem influência muito grande tanto incentivando um ideal de beleza quanto incentivando o uso de produtos para que alcance miraculosamente este ideal” (Mulher 23, 48 anos).



Figura 1 - Feiticeira

Um dado interessante sobre a influência da mídia e que foi comentado de maneira espontânea por três entrevistadas é que o culto ao corpo veio na esteira dos grupos de pagode e axé, como o “É o Tchan” e com a valorização do corpo semi-desnudo e malhado das personagens “Tiazinha” e “Feiticeira”² (Figura 1). Em todos estes casos, o corpo era claramente um fetiche, no sentido de ser exposto como perfeito e alvo dos desejos masculinos. Criou-se todo um clima de erotização que passava pela exposição de corpos “malhados” e que contribuiu para a divulgação de um padrão de corpo que, por sua vez, invadiu as casas via televisão ou através de revistas como a “Playboy”, a “Sexy” e a “Boa Forma”. Aliás, justamente na época de explosão destes grupos e das personagens citadas, Joana Prado saiu na capa da Revista Boa Forma, cuja chamada de capa era “O feitiço do corpo perfeito”.

² Em 1999, a Rede Globo de Televisão criou dois personagens que se difundiram por revistas, e mais, no imaginário da população. “Feiticeira”, o personagem de Joana Prado, aparecia em geral com roupas de odalisca ou biquíni e sempre com um véu cobrindo parte do nariz e a boca. “Tiazinha”, personagem de Susana Alves, aparecia numa versão *light* de sadomasoquista, com lingerie preta, máscara nos olhos e chicote. Ambas tinham grande apelo erótico e viraram “fetiches” e/ou símbolos sexuais.

Em outra capa, Figura 2, desta vez da “revista corpo”, temos a chamada “Fique gostosa como elas”, com a exibição da modelo Luma de Oliveira, também muito citada como referencial de beleza. Se associarmos a capa com a fala da própria modelo, enfatizando que considera a plástica uma aliada, temos a clara associação entre modelos/plásticas/mídia exercendo forte impacto sobre o imaginário de mulheres comuns.

Até mulheres que não faziam ginástica sentiram-se ameaçadas por estas imagens de mulheres sedutoras, que poderiam enfeitiçar seus companheiros e roubar-lhes a atenção. Aderir à malhação, para algumas destas mulheres, foi uma tentativa de diminuir a distância entre elas, simples mortais, e as “gostosas” da televisão:



Figura 2 - Mídia e modelos de beleza

“Eu acho que de 1990 pra cá, aumentou muito, quando, o Luciano Huck colocou, a Tiazinha e a Feiticeira na televisão rebolando, e aí todo mundo, eu não fazia academia, comecei fazer nessa época, e o professor tinha a playboy da feiticeira, e eu tinha um namorado que ficava babando pelas formas da feiticeira, eu ficava possessa. Então eu ia pra academia, pedia a playboy do filha da mãe, colocava no chão e ficava olhando pra ela e me matando numa academia. E eu falava – filha da puta vou ficar igual a você. Aí, o que acontece, a gente tem a nossa própria personalidade, só que o meio também influencia. Tem pessoas que sempre foram apaixonadas por atividade física, sempre fizeram, e outras que começaram por conta disso, eu fui uma das que começaram por causa da mídia” (Mulher 53, 29 anos)

Featherstone diz que a centralidade da manipulação comercial das imagens, mediante publicidade, mídia, exposições, performances e espetáculos da trama urbanizada da vida diária, determina, portanto, uma “*constante reativação de desejos por meio das imagens*”

(Featherstone, 1995: 100). De tanto ver o corpo malhado exposto, seja no dia a dia, seja na mídia, acostumamo-nos a desejá-lo, e de tanto desejá-lo, ele se tornou vital para nós.

As imagens têm um papel novo e central na cultura de consumo. Para Baudrillard, a concentração, a densidade, a abrangência da produção de imagens na sociedade contemporânea nos empurra para uma sociedade qualitativamente nova, o mundo simulacional, no qual se aboliu a distinção entre realidade e imagem, estetizando-se a vida cotidiana. Tudo se transforma em espetáculo, que para ele não é um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas, mediada por imagens. Ele enfatiza que *“o espetáculo é a afirmação da aparência. Ele se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece”* (Debord, 1992: 16).

No que se refere à cultura do corpo na contemporaneidade, a imagem é central, primeiro porque toda cultura do corpo passa por imagens reais do corpo, projetadas como espetáculos e, segundo, porque as imagens veiculadas pelos meios de comunicação são indissociáveis deste processo de desejar e construir um corpo ideal.

Sabemos que as imagens são formas privilegiadas de recorte, apreensão e organização do real e do imaginário. Através dos múltiplos elementos que põem em cena, as imagens constroem idéias, contam histórias, registram tempos, lugares, sentimentos. Assim como um *“fato social total”* (Mauss, 1974), condensam uma série de eventos e representações. No universo dos *bodybuilders*, proliferam revistas específicas destinadas aos cuidados com o corpo. Revistas de fisiculturismo, “Boa forma”, “Dieta-Já”, “Corpo”, são alguns exemplos. É evidente também o quanto a preocupação com o corpo tomou conta de várias outras revistas como “Veja”, “Época” e de jornais diários como “Folha de S. Paulo”, “Estado de São Paulo”, etc. As revistas citadas são prenhes em imagens que priorizam corpos considerados bonitos. Além disto, é comum fotos que contrastam situações chamadas de “antes” e “depois”. As fotos do “antes” são imagens corporais de mulheres que eram “gordas e infelizes”; já as do “depois” mostram imagens destas mesmas mulheres, agora “magras e bonitas, através do produto “X” ou da clínica tal”. Vincula-se felicidade à beleza e, por sua vez, beleza à magreza. Estas imagens são cruciais na construção e reafirmação de alguns modelos corporais, bem como da representação de

gênero a eles associada. Segundo Lauretis (*op.cit*), os termos para uma construção de gênero ocorre através de tecnologias (como o cinema, a televisão, as revistas) e discursos institucionalizados com o poder de “*controlar o campo do significado social e assim, promover e implantar representações de gênero*”(Lauretis, *op.cit*: 228).

Constrói, através das formas midiáticas, a representação da mulher como bonita, preocupada com a aparência, que “se cuida”, que é admirada por homens e mulheres por seus atributos físicos. O processo de construção destas imagens é altamente fecundo para análise. Nas fotos que representam o “antes”, as mulheres aparecem desfocadas, desarrumadas, às vezes com um olhar vazio e uma postura displicente. Não parecem nada felizes. Nas fotos do “depois”, graças a recursos como maquiagem, enquadramento e ângulo da foto, enfim, após produção imagética, estas mulheres aparecem bonitas, sensuais, sorridentes. Numa palavra: felizes. É claro que parte do resultado final de uma imagem depende de vários elementos extra-imagem, de aspectos ligados à intenção que o produtor da imagem tinha, mas no caso destas fotos de antes e depois, cabe uma provocação. Boa parte da “impressão de felicidade” pode ser uma construção, mas será que estas mulheres não estão de fato mais felizes? Se, como afirmava o *outdoor* de *Diet Shake*, visível nas ruas de São Paulo no verão de 2003, “felicidade é entrar num vestido P”, realmente a informação corrente parece afirmar que, na medida em que estas mulheres emagreceram, a percepção de si e do mundo se modificou na proporção direta em que elas conseguiram atingir o padrão de beleza da sua época. Também foi demonstrado pela pesquisa de Goldenberg e Ramos que a exigência da boa forma não se limita às atrizes ou modelos: “*Por intermédio do cinema, da televisão, da publicidade e de reportagens de jornais e revistas, a exigência acaba atingindo os simples mortais, bombardeados cotidianamente por imagens de rostos e corpos perfeitos.*” (Goldenberg e Ramos, 2002: 26).

Tais imagens induzem a correlação entre obter o corpo perfeito e alcançar a felicidade. A publicidade surge neste processo como uma espécie de operador totêmico, e as formas perfeitas como totens midiáticos. Sabino diz que : “*Tal como um ‘selvagem’ saberá identificar o comportamento e a aparência de uma pessoa do clã do urso ou da Águia, podemos identificar, pela aparência ou conduta, alguém que é marombeiro ou se dedica regularmente ao mundo da musculação e das academias*” (Sabino, 2002: 145).

É claro que falar da influência dos meios de comunicação na construção de modelos corporais da nossa época levanta polêmicas: sabemos que, principalmente a partir de 1980, vêm surgindo novos enfoques sobre a interação entre recepção e comunicação. Esses novos enfoques questionam a relação de predomínio do emissor sobre o receptor, enfatizando que as mensagens são resignificadas pelos receptores, que, dessa forma, deixam de ser uma “tabula rasa” e passam a interagir no sentido da mensagem. Assim, é claro que nem tudo o que é veiculado pelos meios de comunicação é aceito pelos receptores: tenho acompanhado as discussões sobre o padrão de corpo perfeito que aparecem em Revistas como “Época”, “Veja” e no jornal “Folha de S. Paulo”, por ocasião do já referido desfile “Morumbi Fashion”. Tem sido comum nos números mais recentes destas revistas o embate entre pessoas que contribuem para formação de opinião e que discutem se as modelos brasileiras devem seguir os padrões ditados para as modelos internacionais, que, em média, são mais altas e magras do que as mulheres brasileiras. Alguns especialistas da área clamam a altos brados que é preciso modificar este padrão, “resgatar a sensualidade das curvas femininas”, “escapar da tirania da magreza”. No entanto, estes discursos não são incorporados pela maioria. As mulheres que aprenderam a relacionar o corpo magro com o corpo bonito não esquecem a lição assim tão facilmente.

De toda maneira, mesmo que algumas imagens sejam refutadas, a característica espetacular da nossa sociedade se mantém e, da mesma forma que na modernidade, “*o espetáculo constitui o modelo atual dominante na sociedade (...). A linguagem do espetáculo é constituída de sinais da produção reinante, que são ao mesmo tempo a finalidade última desta produção*” (Debord, 1992: 14-15). Para os *bodybuilders*, o corpo representa ao mesmo tempo um projeto em si, uma vez que a identidade e auto-estima parecem passar cada vez mais pela aquisição de um corpo perfeito e uma marca de distinção, representante de um estilo de vida, para os outros, o que nos remete a Bourdieu, mais especificamente à sua obra La Distinction (1979), em que ele afirma que a preferência por certos bens culturais funciona como um marcador de classe. Quando o autor analisa a pequena burguesia surgida com a modernidade, ele afirma que tal segmento tenta se diferenciar de outros grupos, como os camponeses e agricultores (que tendem a adotar uma visão do mundo pessimista e nostálgica), adotando uma visão de mundo progressista. O conceito de *habitus* aparece na sua obra para descrever o conjunto de disposições que

determinam os gostos e caracterizam esta camada social. Ele emprega tal conceito para designar as disposições inconscientes, esquemas classificatórios, preferências explícitas e evidentes para a noção que o indivíduo tem da adequação e validade de seu próprio gosto por certas práticas e bens culturais. É de suma importância destacar que o *habitus* não opera apenas no plano da cognoscibilidade cotidiana, mas está inscrito no **corpo**, manifestando-se no seu tamanho, forma, volume, nos modos de sentar, comer e beber, no grau de estima pelo corpo. Bourdieu chega a afirmar que “*o corpo é a materialização do gosto de classe: o gosto de classe está corporificado*” (Bourdieu, 1974).

Mauss já nos alertava que sobre o corpo imprimem-se marcas e técnicas sociais, idéia reforçada por Rodrigues (1983) ao afirmar que o corpo humano é permanentemente afetado pela ocupação profissional, religião, estrutura de classes e etc. Para ele, a estrutura social encontra-se simbolicamente expressa no corpo e a atividade corporal nada mais faz senão torná-la expressa. As gramáticas sociais do poder induzem e suscitam as pessoas a corrigir um excesso ou *déficit* corporal. Assim também determinados tipos de produtos postos à disposição do público, graças a estratégias comerciais, modelam os corpos impondo-lhes uma forma e um tônus que têm o valor de uma carteira de identidade. Neste sentido, a análise de Bourdieu dos *habitus* da nova pequena burguesia nos mostra que para o pequeno-burguês era fundamental, enquanto membro de uma classe social específica, adotar uma postura corporal que o diferenciasse, por exemplo, do burguês. Enquanto este último revelava um sentimento de bem-estar e segurança com relação ao seu corpo, o pequeno-burguês estava inquieto com ele, observando-se e corrigindo-se constantemente. É por este motivo que o segundo sente-se atraído por técnicas de manutenção corporal, esportes, comidas saudáveis, academias de ginástica, enfim, por dispositivos que tratam o corpo enquanto um signo para os outros, e não como um instrumento para si próprio.

Entre as mulheres urbanas da atualidade, o corpo “malhado” funciona da mesma maneira: as mulheres entrevistadas, quando alcançam o corpo magro que desejam, ou enrijecem grupos musculares, sentem-se próximas ao mundo das mulheres que elas admiram, sentem-se pertencentes a um grupo seletivo, que é caracterizado, entre outras coisas, pelo poder “*cuidar de si*”, pelo sinal de que “*não se entregam às tentações alimentares de uma maneira desregrada*” (*Mulher 68, 34 anos*), enfim, correspondem aos padrões corporais da sociedade em que vivem. Nas academias, ao adquirir um corpo “malhado”, o (a)

aspirante a *bodybuilder* vai sendo consagrado a um novo papel. Esses ritos vão demarcando as posições entre dominados e dominantes, entre aqueles que são, como dizem os informantes – “fortes, saudáveis e bonitos” e os que são “fracos, doentios e feios”. Neste sentido, é possível repetir, com Bourdieu que as instituições são “*atos de magia social*”, pois “*criam a diferença ex-nihilo*” (Bourdieu, 1996:100).

Vimos, portanto, que é impossível falar de identidade feminina entre as mulheres urbanas sem nos remetermos às relações que estas estabelecem com seus corpos. O corpo será, ao mesmo tempo, suporte e substrato da identidade. Seja na conquista de parceiros, ou de melhores empregos, a auto-estima, fundamental para a construção de uma identidade positiva, passa pelo corpo. O corpo passa a ser essencial para que a mulher se sinta bem consigo mesma, pertencente à sociedade mais ampla e valorizada porque soube aproveitar bem os recursos técnicos na construção de um corpo bonito. Mesmo que em outras esferas a mulher tenha adquirido sucesso e prestígio, aos olhos dos outros e de si mesmas, se elas não conquistarem também um corpo ao menos bonito, serão consideradas em *déficit*. Isto nos leva a pensar que, como em qualquer processo, em especial aqueles que se desenvolvem sob as contradições de uma sociedade que se pretende moderna, o culto ao corpo traz em seu âmago conquistas e retrocessos por parte dos envolvidos no processo. Se ele é positivo porque restabelece os laços das mulheres com o que há de mais individual e primário, ou seja, o corpo; também representa inúmeros perigos. A supremacia do corpo perfeito pode levar ao contrário da construção de uma identidade: ao aderir a modelos de beleza padronizados, pode ocorrer uma recusa do próprio corpo, caso ele não se encaixe nos modelos fornecidos. Provoca também uma perda de identidade no sentido de que as marcas do tempo e das próprias características genéticas podem ser apagadas e reduzidas através de cirurgias plásticas, dissolvendo marcas constitutivas do eu e substituindo-as por formas e feições padronizadas. Pode levar também à dissolução física total, gerando distúrbios alimentares que podem levar ao esfacelamento da personalidade e, em casos mais graves, à morte. E por fim, o culto ao corpo contém em si um caráter de exclusão e desconfiança com respeito àqueles que não são como nós, que não se encaixam nestes padrões estéticos de nossa era.

Constatou-se que para 63, 75% das entrevistadas, o corpo perfeito é o magro e malhado, conquistado pela associação entre regimes e exercícios. Mais da metade da

amostra afirmam fazer regimes e o restante, faz reeducação alimentar. E o mais sério é que dentre as entrevistadas, 79% já tomaram medicação para emagrecer, confirmando o dado de que o Brasil é líder mundial no consumo de anfetaminas. Elas dizem:

“Eu já fiz todos os regimes possíveis, inclusive com fórmulas para emagrecer. Já tomei muita anfetamina e vários outros remédios que foram proibidos depois. Quando como, penso assim: este pedacinho de carboidrato, com este de proteína vai fazer crescer meu músculo...”. (Mulher 68, 34 anos).

“É, eu fiz regime há pouco tempo, agora, eu tive que acelerar o processo com remédio. Tive os efeitos colaterais normais, os esperados, sabe, dilatação das pupilas, sudorese demasiada, minha mãos ficavam geladas, dava umas vertigens, escurece tudo” (Mulher 5, 22 anos)

Sempre me espanta que em nome da beleza, da perda de peso, aceitemos nos submeter aos efeitos colaterais dos remédios para emagrecer. Tememos um infarto, nos empenhamos em fazer tudo que a medicina aconselha, fazer atividade aeróbica e diminuir a ingestão de gorduras. Mas deliberadamente, através dos remédios para emagrecer, elevamos os batimentos cardíacos a ponto de termos insuficiência respiratória e mesmo infarto. A maioria deles contém anfetamina, que vicia em dias e é muito nociva para o organismo, gerando um desequilíbrio hormonal muito grande, bem como taquicardia e depressão. É sabido também que provoca danos no cérebro e ocasiona distúrbios como anorexia e bulimia. Mas, em nome de alguns quilos a menos, aceitamos os riscos. É que na verdade, a leitura é outra. Não se trata de meros quilos perdidos. Trata-se de fazer as pazes com o espelho e, portanto, consigo mesma. Trata-se de se sentir integrada, aceita. Trata-se de ascender, via corpo, ao grupo das bonitas e bem sucedidas. Trata-se de existir, numa cultura em que beleza e magreza se associam, sendo pré-condição de felicidade...

Entre aqueles que optam pelo corpo extremamente magro (principalmente as mulheres), também podemos perceber os complexos mecanismos que, ao mesmo tempo em que liberam, também aprisionam os sujeitos em formas corporais rígidas.

O culto à magreza inicia-se já nos primórdios do século XX, embora se potencialize a partir da metade do mesmo e tenha seu auge a partir dos anos de 1980, momento em que o

culto ao corpo e os modelos corporais a ele associados ganham maior visibilidade, inclusive, por influência direta da mídia.

Para Philippe Perrot (1984), a mulher magra foi mais do que uma moda, foi o desabrochar de uma mística da magreza, uma mitologia da linha, uma obsessão pelo emagrecimento, tudo isso temperado pelo uso de roupas fusiformes (Philippe Perrot, Lê travail dès apparences ou lês transformations du corps féminin XVIII-XIX siècle, Paris: Seiul, 1984, pp 196/7, *apud* Del Priori, 2000: 66). Tal mística vem da Europa e é indissociável do ingresso feminino no mundo do exercício físico, seja sobre bicicletas, nas quadras de tênis, nas aulas de dança, e isto já nos anos de 1920. O corpo deveria ser esbelto, leve e delicado. Inicia-se a perseguição e desprestígio do *embonpoint*, os quilos a mais, ainda que discretos. Começamos a fase, segundo Lipovetsky (1997), da cultura lipófoba, o horror a tudo que é mole, relaxado, gordo. Ser magra passa a ser sinônimo de ser ágil e de ter controle sobre o seu corpo, elementos fundamentais da modernidade. E como é impossível exercitar-se com roupas muito elaboradas, como anquilha e espartilhos, o corpo fica mais exposto e visado do que a moda. A ditadura da moda se desloca para o corpo: moda e corpo foram variando, ao longo do século XX, na razão inversa, ou seja, quanto mais a moda se pluralizava em diversos estilos e tendências, mais o corpo se fixava em um novo ideal, o da magreza. Ao longo do século XX, esta tendência é crescente. Década após década o padrão de magreza é mais exigente. As estrelas do cinema dos anos 40/50 são mais gordas, mais redondas do que as da era Twigg, e pós anos 60, mais retilíneas.

Mas, porque cultuamos a magreza? Para as entrevistadas, a grande vilã é a moda. A ela atribuem a redução do tamanho das roupas, gerando a necessidade da magreza extrema, bem como o fato de que a roupa tem que aparecer mais que a mulher que a veste, que acaba sendo um mero cabide ambulante. Associa-se magreza à elegância e elegância à alta costura. Tudo com o incentivo da mídia e do capitalismo, que, ávidos por aumentar os lucros, vendem não apenas imagens e produtos, mas o próprio corpo, que pode ser comprado graças aos investimentos em alimentação, cirurgia plástica, malhação, entre outros:

“Fizeram a gente cultuar a magreza porque antigamente não era assim, né... Desde a época da Twigg que começou o culto à magreza, porque na verdade qualquer roupa

que colocasse nela caía bem. Então hoje em dia a alta-costura (...) faz as roupas para as magras, eles querem uma mulher que seja reta na frente e atrás, e aí colocam uma roupa nela que fica bem” (Mulher 7, 39 anos).

“É a própria mídia, mulher tem que ser muito magra, porque que a manequim é magra? Porque é onde tudo começou. Se a gente for analisar as mulheres, o padrão de beleza feminino, é horrível, não tem nada de frente, nada de costas, mas porque que elas têm que ser assim? Para poder aparecer a roupa, é um cabide ambulante que tem pernas, para mostrar a roupa. A mídia começou por causa disto, na verdade ninguém estava preocupado com o padrão de beleza feminino, estava preocupado em realçar a importância de uma roupa. (...)” (Mulher 51, 34 anos).

Nesta busca das mulheres pela magreza, dois tipos de distúrbios alimentares têm entrado em cena nos nossos dias: a bulimia e a anorexia. Tais distúrbios passaram a ser mais conhecidos após terem afetado pessoas famosas ou que estavam em evidência na mídia. A princesa Lady Diana, a princesa Victória da Suécia, uma das participantes do *Big Brother Brasil* (Leika), a cantora do grupo americano “*The Carperets*” são alguns dos exemplos mais conhecidos.

A anorexia seria um “*Distúrbio de personalidade que se manifesta por extrema aversão ao alimento, que resulta em perda de peso que chega a ameaçar a vida e em geral ocorre nas mulheres jovens. É considerada uma enfermidade histérica, porém às vezes se assemelha ou precede uma psicose. A mulher vitimada pela anorexia nervosa acaba obsessiva pela magreza extrema, deixa de comer e pode vir a falecer.*” (Stedman, 1979³).

Já a bulimia leva a pessoa a ingerir em uma refeição enormes quantidades de alimentos para depois, sentindo-se culpada, vomitar ou fazer uso de laxantes, o que, além de desequilibrar o metabolismo, pode levar à morte por ruptura do estômago.

Também já foi ressaltado em matéria jornalística que as dietas rígidas, a partir de uma semana, podem causar danos cerebrais irreversíveis, afetando principalmente a memória e o raciocínio, já que comprometem de modo irreversível o córtex cerebral. (Jornal Nacional,

³ O artigo não consta da bibliografia, pois, lamentavelmente, foi perdido pela pesquisadora e foi impossível localizá-lo. Foram mantidas, no entanto, suas informações, pertinentes ao escopo desta pesquisa.

12/10/2002). Outra reportagem (Ciência Hoje, vol.28, número 164, setembro de 2000) salienta que os distúrbios alimentares vêm alcançando índices epidêmicos e são responsáveis pelo maior número de mortes entre todos os distúrbios psíquicos conhecidos. Em cada grupo de dez pessoas doentes, uma se suicida ou morre em virtude de parada cardíaca e desnutrição. A maioria dos pacientes vitimados pela anorexia nervosa evita alimentar-se em público, contabiliza as calorias das refeições, faz exercícios compulsivamente e mantém o peso corporal bem baixo. O perigo está no fato da pessoa portadora de anorexia enxergar-se de forma distorcida, achando-se sempre gorda.

A psicóloga Maria de Lourdes Kalil afirma que geralmente as mulheres vitimadas pela anorexia nervosa são adolescentes, de classe social mais alta e apresentam características psicológicas como ansiedade, depressão, descontrole emocional e físico, intolerância à frustração, humor lábil e baixa auto-estima. Para ela as causas do distúrbio são múltiplas, incluindo fatores ambientais, genéticos e, sobretudo, comportamentais: *“A pressão de uma sociedade cada vez mais competitiva, o estresse e experiências de vida traumáticas, associadas ao culto do corpo perfeito, têm levado muita gente, a maioria mulheres, a maltratar seu organismo, seja passando fome ou comendo em excesso”*.

Queiroz e Otta (2000) citam uma pesquisa norte-americana que indica que entre as universitárias, 30% sofrem deste mal. Afirma-se que os casos de anorexia nervosa correspondem a 90/95 % dos distúrbios alimentares registrados. No entanto, este ainda é um tema tabu: quem sofre de anorexia tende a esconder dos outros e a negar a si mesma a doença, muitas temem não ser compreendidas ou serem julgadas fúteis, já que, aos olhos da maioria, estariam abrindo mão da comida por meros motivos estéticos (e isto num país de famintos não é bem visto).

Outro dado importante é que 56% da amostra conhecem pessoas com estes distúrbios e têm alguma história para contar a respeito:

“Tem uma amiga minha da faculdade que teve bulimia, (...). Você tem que ter muita personalidade pra não cair neste mundo (...). Tinha época que ela, chorando, ia pro banheiro e punha o dedo na garganta, ela não queria fazer, mas pra ela, já era instintivo (...). Ela é super magra, mas ela fica falando ‘Ah, eu sou gorda, eu sou

gorda', é uma coisa que não tem muito sentido, a pessoa fica abalada psicologicamente, precisa de tratamento.” (Mulher 4, 18 anos)

“Minha prima com 12 anos, ela ficou, muito magra, ela só queria dançar na frente do espelho, ter o corpo perfeito, sempre achando que tava com uma barriguinha, chegou a levar em médico (...) para ela ouvir que precisava se alimentar. Ela dizia tá bom e não comia nada, deixava o resto, a metade do nada e achava que tava bom. Ela é alta e queria ter o corpo de modelo, ela sonhava com isso.” (Mulher 26, 18 anos).

“Sim, é muito triste. Era uma amiga minha que nem era gorda, era assim, normal, só que ela começou a pensar que ela tava gorda, começou a emagrecer, a fazer regimes malucos. Hoje ela tem a minha altura [1,67] e ela não pesa 40 Kgs e dá vergonha, antes ela ser o que ela era antes do que hoje, as pessoas olham pra ela e dizem ‘nossa, que menina feia’, horrível, chega assim, a pele grudar no osso, horrível. Começou por motivos estéticos, porque ela achou que não tava tão bonita, tão magra quanto ela queria ser.” (Mulher 41, 19 anos)

Questionei as entrevistadas sobre o que pensam da anorexia e da bulimia. As opiniões caminharam mais no sentido de uma percepção de que as mulheres vitimadas por estas doenças sofrem muita pressão da sociedade mais ampla e acabam não resistindo e fazendo de tudo para alcançarem os modelos corporais padronizados. As entrevistadas percebem que é um problema de difícil solução e que requer auxílio de especialistas. Muitas são solidárias com as mulheres vitimadas, procurando entender os motivos que as levaram por estes caminhos.

“Ah, a cultura da perfeição, com certeza, é o que leva muitas meninas a ficarem anoréxicas, buscam a perfeição e acabam perdendo o controle e esta perfeição vai mudando cada vez mais, sei lá, elas querem atingir um peso, 50 [kgs], e aí quando atinge os 50, não aceita, quer ir para os 48, cada vez menos, chega uma hora que perde total o controle e aí, ao invés de buscar a perfeição acaba atingindo uma coisa que não é normal” (Mulher 6, 19 anos)

“A culpa é da mídia mesmo, de mostrar tanta mulher magra, perfeita, tudo no lugar, a pessoa pira, a pessoa que cuida muito e tenta se espelhar em outra pessoa, como numa modelo, eu acho que fica muito neurótica, acho que a mídia influencia muito, revista, televisão, eu acho que é 100% da mídia” (Mulher 49, 27 anos).

É impressionante constatar que praticamente todas as entrevistadas apontaram para as mesmas questões, todas ligadas á influência da mídia em disseminar o corpo das modelos, em geral altas e magras, como um modelo de beleza para todas as mulheres. Desde o início do século XX e principalmente em suas últimas décadas, estabeleceu-se no imaginário o vínculo entre magreza, beleza e felicidade, vínculo criado e recriado pela mídia. As modelos são a personificação viva desta construção simbólica e embora também passem por crises de toda natureza, irradiam uma áurea de *glamour*, dinheiro, parceiros bonitos, carreira, oportunidade de viajar... Elas sintetizam tudo que a beleza pode oferecer em termos de sucesso e felicidade. Embora humanas, imperfeitas e até insatisfeitas consigo mesmas, vendem a imagem da perfeição física. Não è á toa que as meninas crescem com o sonho de serem modelos (e os meninos, jogadores de futebol).

Ressaltam a importância da moda, que cria roupas que só ficam bem em corpos extremamente esguios e tamanhos que diminuem de ano para ano e sujeitam as mulheres a estarem perfeitas e magras. Remédios para emagrecer, que num primeiro momento aparecem como temporários, podem viciar e gerar desequilíbrio hormonal e mental, desencadeando a anorexia. A respeito da aparência e da moda Perrot comenta: *“Os diktats da moda comandam sua aparência, uma aparência cada vez mais interiorizada, indo das roupas às formas do corpo e à textura da pele”* (Perrot, 2005: 472).

As revistas “Boa Forma”, “Dieta Já”, “Pense leve”, “Corpo”, entre outras, fazem chamadas dramáticas incitando a perda de peso; os regimes, cada vez mais drásticos, proliferam e o controle alimentar é muito mais severo que no passado. Além do mais, ao estamparem em suas capas mulheres que se encaixam nos padrões corporais descritos, alimentam as representações do corpo “perfeito”, “bonito”, “modelo”, como podemos facilmente perceber examinando algumas imagens:



Olhando só as chamadas principais, escritas em letras maiores do que as outras, as expressões são, pela ordem das capas: “Barriga sequinha”, “Magra no inverno”, “Repita conosco: Vou emagrecer!”, “Você viu? Todo mundo está aumentando os lábios!”, “Eu quero músculos”, “Malhação Mundial”, “Última chamada! Perca até 4 quilos em 5 dias!”, “Disciplina. Você têm? Quer ter? Conquiste a sua aqui”, “Mais tratamentos! Para endurecer, secar, esculpir” “Perca 5 Kgs por mês! Com a dieta do ciclo menstrual”, “Em 45 dias, 12 kgs a menos!”, “Emagreça 7 Kgs antes do verão.”, “Acredite: é você quem manda na sua fome!” .

Podemos ver que nas chamadas, há denominadores comuns:

- O tom enfático das chamadas e prescrições só fez aumentar, à semelhança do que Elias notou na passagem da Idade Média para a Moderna, ao comparar os manuais de etiqueta. Os discursos se tornaram ainda mais imperativos e só a sua simples leitura, nos provoca um certo mal-estar, pois parecem nos dizer que, de fato, somos as únicas responsáveis por comportamentos desviantes da ética da malhação e do eterno regime.
- O padrão corporal é o mesmo eleito pelas nossas entrevistadas como o dominante nos círculos sociais e na mídia: a mulher “magra-malhada-siliconizada”. Sem barriga, não muito musculosa, mas com tônus muscular, seios grandes, bumbum empinado, cabelos bem tratados, rosto jovem.
- A idéia de disciplina é constante, bem como a de que o exercício invade o mundo todo (afinal de contas, é a “malhação mundial”). Assim, não aderir a ela é questão de escolha.

Poderíamos citar indefinidamente outros exemplos, mas estes já nos dão boa idéia do corpo imaginário, vendido mensalmente através destas (e de outras) revistas, bem como da veiculação da fórmula mágica: “magreza = beleza = felicidade”.

Outro aspecto que nos auxilia a entender a preocupação com a magreza é que há uma intensa cobrança social, dirigida até mesmo às crianças, pela aquisição deste modelo corporal. Um relato de uma mãe cuja filha é um pouco mais cheinha, ilustra a questão:

“Os parentes dizem: ‘Diminui a quantidade de comida do prato dela’, ‘ela já tá gorda, você vai dar doces para ela!?’ . E ela só tem três anos de idade!” (Mulher 32, 33 anos)

Diante desta tirania da magreza, podemos entender porque mulheres com um peso “normal” se sintam gordas e queiram se livrar dos “quilos a mais” como quem se livra de um estigma. Segundo uma pesquisa do Hospital das Clínicas de São Paulo, a faixa de idade de meninas vitimadas pela anorexia caiu de 12-14 anos para 7-8 anos, momento em que a criança ingressa no ensino fundamental. Isto se deve à comparação com as coleguinhas⁴ e a maior capacidade de discernir os modelos, sem falar nos programas infantis, que também são apresentados por mulheres magras, malhadas.

Outro dado alarmante que nos obriga a pensar a responsabilidade dos meios midiáticos nos distúrbios alimentares é que as interessadas em perder peso rapidamente podem se valer da *internet*, rede em que há comunidades que não apenas incentivam a perda de peso, mas defendem a bulimia e a anorexia como um estilo de vida e fornecem dicas, tais como: “não comece a tentar vomitar usando toda a mão, basta o dedo bem fundo na garganta”; “Você não deve comer sem se sentir culpada”; “Você não deve comer algo que engorda sem se punir depois”; “Ser magra é mais importante que ser saudável”; “Você nunca está magra demais. Ser magra é a coisa mais importante do mundo”... Há até apelidos carinhosos para as doenças: a anorexia é chamada de “Ana” e a bulimia, de “Mia”.

pelo canal de televisão infanto-juvenil “*Cartoon Network*”. Entre as meninas, 65% são vaidosas, a ponto de só saírem de casa maquiadas e com unhas feitas. 44% delas teme ser gordinha e 14% consome produtos *diet* e *ligh* (numa etapa do crescimento em que a alimentação é fundamental para o bom desenvolvimento da criança). Uma das entrevistadas, de 11 anos diz que “todo mundo da turma repara quando alguém engorda”. Segundo o pediatra Gláucio Granja de Abeu, já são comuns casos de anorexia no seu consultório. O diretor da pesquisa Pablo Verdim afirma que “A pressão para seguir um padrão de beleza continua forte”.

Segundo duas revistas que divulgaram a existência destes sites, “IstoÉ” (25/10/2002) e “Veja” (11/02/2004), estima-se que no Brasil bulimia e anorexia afetem 100.000 adolescentes, dos quais 90% são garotas.

Dentre as mulheres por mim pesquisadas, 10%⁵ (8 mulheres) assumiram ter anorexia ou bulimia.

Os depoimentos pertinentes à indagação foram dados, por parte das mulheres que sofrem com estas doenças, com forte tom emocional, como se tocássemos numa ferida, que cicatrizada ou não, gera angústias, como podemos ver nos seguintes exemplos:

“Sim, eu tive anorexia, depressão, bulimia, e isso atrapalhou todo o meu ciclo menstrual, minha alimentação, eu não comia mais muitas coisa que eu tinha que comer, minha pele ficou muito ruim, eu tive várias conseqüências por causa disto... [ela se emociona, o olho lacrimeja]. Mas aí eu acabei me prejudicando e depois de muito tempo eu passei a perceber que, meu, não vale a pena ficar tão magra, não tava tão bonito, eu tava com uma imagem distorcida.” (Mulher 6, 19 anos).

“E eu me achava gordinha, eu tive anorexia, hoje eu já não tenho mais, graças a Deus. Eu queria ser magra demais, trabalhar em agência assim, eu via as meninas bem magrinhas e eu também queria ficar daquele jeito, a qualquer custo, e eu acabei ficando doente. Fui tomar soro no hospital duas ou três vezes, já desmaiei, mas eu não sentia fome, só me tratando é que passou. É terrível, eu chorava, porque aí depois eu perdi o meu guarda-roupa inteiro e não tinha mais como voltar, só comendo mesmo e eu não queria mais comer, mesmo assim, mesmo doente, mesmo sem roupa para vestir, eu não queria engordar. Então eu comecei a ficar muito mal ... ai depois eu fiz um tratamento psicológico tal e melhorei...” (Mulher 10, 18 anos)

“Eu já sabia que tinha anorexia há anos, mas demorei a aceitar o diagnóstico. Só parei de tomar anfetaminas quando fiquei perto do infarto. Vivía doente, recusava

⁵ Os dados de distúrbios alimentares compreendem apenas os distúrbios anorexia e bulimia. Não entraram na estatística e nem foram analisados os depoimentos relativos à compulsão alimentar. Curiosamente, as entrevistadas relutaram em assumir este distúrbio (só uma entrevistada afirmou tê-lo), matizando-o por expressões como “às vezes eu como demais”, ou “eu fico ansiosa e como”. Ficou, portanto, mais difícil para a pesquisadora estabelecer, sem indicação das entrevistadas, as fronteiras entre sair da dieta e entrar em quadro de compulsão alimentar. Numa época de rígidas coerções sobre dietas, é mais fácil para as entrevistadas assumirem que comem menos do que deveriam, ou que vomitam o que comem, do que assumir que comem demais.

qualquer comida, praticamente vivia de água. Cheguei a pesar 42 kgs, mas me achava gorda, queria mais remédio, queria malhar muito mais, mas não tinha forças. Todos diziam que eu estava horrível de magra e muitas amigas ameaçavam me internar. Mas eu não via. Hoje estou sem remédios, mas isto é uma faca de dois gumes: se por um lado a respiração melhorou, a comida diminuiu ainda mais porque sem os remédios, corro mais risco de engordar e é difícil manter 44 quilos...” (Mulher 68, 34 anos)

Percebe-se nestas falas que a relação com a comida, para portadoras de distúrbio alimentar, é marcada por angústias e até por depressão, configurando-se como uma negação da vida, visão totalmente oposta a dos medievais. Como destacou Bakhtin: “*Uma refeição não poderia ser triste. Tristeza e comida são incompatíveis*” (Bakhtin, 1987: 247). Em vez do ato de comer se constituir como uma forma de encontro do homem com o mundo, passa a ser a negação do prazer (e do próprio mundo) em função de ideais estéticos.

Um dado central é que a escolaridade não se mostrou determinante entre as mulheres vítimas de distúrbio alimentar. Ao contrário do que às vezes ouvimos por aí, a anorexia e a bulimia não resultam da falta de escolaridade e de informação, muito pelo contrário. Todas as mulheres pesquisadas tinham nível superior em fase final ou completo e duas possuíam pós-graduação. Três são da área biológica (nutrição, de educação física). Duas não estavam trabalhando no momento da pesquisa, embora sejam formadas. São mulheres atuantes, que lêem, estão no mercado de trabalho, têm acesso à informação. A maioria ganha bem (acima de R\$ 5.000,00), mas isto também não é determinante, pois outras duas se situam abaixo deste patamar. Então o que faz com que uma mulher enverede por um caminho tão tortuoso? Ao meu ver o que explica os distúrbios alimentares é a existência de rígidos modelos corporais, da associação entre magreza e felicidade, da necessidade de aceitação que todas nós, no nosso âmago partilhamos. Se há perigos no processo de culto ao corpo, também há seduções... Sentir-se bela, desejada, olhada... Sem falar na sensação positiva de controle sobre as pulsões, dentre elas, a fome, controle este que nos é apregoado como uma vitória do espírito sobre o corpo. Mas é claro que tudo isso é contraditório, pois somos tão fortes que controlamos um impulso biológico – comer -, mas tão frágeis que mergulhamos de cabeça nas coerções estéticas de nossa época e ficamos chafurdando no limbo, até que com muito esforço e tratamento algumas conseguem alterar sua percepção do mundo e de si mesmas e se salvam, enquanto outras morrem.

Segundo Viana (2000), o culto às modelos e atrizes magérrimas provoca uma mudança nos padrões sociais de beleza, pressionando as pessoas a rejeitar, mesmo que inconscientemente, as formas generosas: *“O modelo de beleza imposto pela sociedade atual é de um corpo quase cadavérico”* (Viana, *Ciência Hoje*, vol.28, número 164, setembro de 2000). Segundo a autora, esta tirania desvaloriza aspectos relacionados à saúde e à constituição física da população brasileira, que, ao contrário da mulher européia, não se caracteriza pela magreza. As tabelas de peso e de altura dos livros estrangeiros não se adequam ao nosso perfil. Mas o pior, ao meu ver, é que as mulheres brasileiras ademais de tentarem desesperadamente aproximar-se do padrão estabelecido, também se esquecem que este corpo padronizado é um produto social e passam a considerar **natural** associar magreza à beleza. Esquecem-se de que, como nos alertava Mauss, onde acreditávamos ter a expressão de uma naturalidade, existe a ação de técnicas que são produtos sociais. Ou seja, a sociedade industrial consome avidamente tudo que se lhe apresenta e deixa de refletir sobre isso, consumindo tudo que diga respeito ao corpo, produzindo assim o chamado culto ao corpo. Desta maneira, não se pensa ativamente sobre estas práticas: o corpo perfeito passa a ser um produto padronizado e a mídia sufoca o singular, as formas alternativas de pensar o corpo. Uma entrevistada diz:

“Eu acho que esta é a questão da modernidade, quer dizer, você está sempre no pode, não pode, no sim e no não, no que que eu sou, você despersonaliza, mas a função do despersonalizar é ele ser um veículo de segurança do próprio homem, se eu tô bem, se eu tô igual então eu não sou um desvio, então eu não tenho que me preocupar”
(Mulher 30, 51 anos)

Assim, por mais que a magreza seja prejudicial à saúde, ela é confortável do ponto de vista da aceitação, da possibilidade de desejo da mulher alcançar o corpo que ela aprendeu a ver como bonito.

Alguns dados colhidos na pesquisa de campo podem nos auxiliar a compreender esta tendência à magreza. Na busca deste modelo corporal, várias mulheres têm ingerido uma quantidade de alimentos inferior às suas necessidades orgânicas, bem como dedicado muitas horas por dia à prática de exercício, combinação que não é simples, pois os exercícios potencializam um gasto de energia que, não sendo repostos porque as mulheres

estão de dieta, ocasionará fadiga, perda de concentração e memória, problemas gástricos e outros. Além disto, a dinâmica dos exercícios pressupõe que eles sejam feitos ao menos três vezes por semana durante algumas horas, implicando um longo período dedicado ao culto ao corpo. Entre os depoimentos colhidos, alguns são alarmantes:

“Tomo água para disfarçar a fome. Não almocei antes de vir para cá. Vou tentar não jantar. Comprei maçãs, vou comer uma antes de dormir (...). Nunca janto. No máximo, almoço uma salada, às vezes um pouco de frango também. Muitas vezes, vou dormir com fome, mas não ligo. Sinto-me magra, em forma. A beleza compensa o sacrifício. Se não consigo dormir, levanto e tomo um copo de leite diet. Quero ficar em forma para o verão” (Mulher 68, 34 anos).

As mulheres vitimadas pela anorexia afirmam que adoram ser magras, sofrem por ter que comer, são freqüentemente hospitalizadas e não conseguem mais se pensar como bonitas de outra forma que não seja através da magreza e, assim, não conseguem sair deste círculo vicioso. São casos em que não basta ter acesso à informação para que o comportamento se altere, uma vez que através de mecanismos de socialização e construção da identidade, certos valores foram incorporados e fazem parte do universo simbólico a tal ponto que dificilmente chegam a ser alterados. É preciso então, antes de postular que apenas a informação resolve, mudar a visão de mundo e reordenar as concepções corporais femininas, processos complexos e demorados, para que possa surgir então uma diferente imagem de si e dos valores fundamentais e uma posterior mudança de atitude.

Vários outros dados de campo apontam para o culto exagerado do corpo e da magreza, além de comentários colhidos na imprensa, como está dito, por exemplo, na fala de uma das organizadoras do “Morumbi Fashion”: “quadris largos, nem pensar. O peso deve ser de 20 pontos a menos que a altura”. Ou seja, se uma mulher tem 1,73 não pode pesar mais que 51 quilos. “A cintura deve ter no máximo, 60 cm”⁶. Tais afirmações mostram o quanto a estética da magreza predomina neste meio⁷ e são incorporadas por mulheres comuns e aplicadas; então se uma mulher tem 1,60 m de altura, passa a acreditar

⁶ Esta informação foi veiculada pelo Jornal “Folha de São Paulo”.

⁷ Informação da revista Época, Ano II, n 70, agosto de 1999, ed. Globo.

que para ser considerada bonita deve pesar no máximo 40 quilos, e isso só é possível com dietas rígidas, que muitas vezes induzem a casos de anorexia.

Bordo (1997) afirma que *“O corpo magro da pessoa com anorexia apresenta-se como uma caricatura do ideal contemporâneo de esbeltez exagerada para as mulheres, um ideal que apesar da resistência irônica das diferenças raciais e étnicas, tornou-se a norma para as mulheres de hoje. Mas a magreza é apenas a ponta do iceberg, pois ela exige por si mesma uma interpretação, já que é desencadeada com a inscrição dolorosamente literal no corpo da pessoa com anorexia das normas que regem a construção da feminilidade contemporânea. Esta construção é um impasse que impõe ideais e diretrizes contraditórias. Por um lado, nossa cultura apregoa concepções domésticas de feminilidade, com a mulher como principal nutridora emocional e física. As regras dessa construção de feminilidade exigem que as mulheres aprendam como alimentar outras pessoas, não a si próprias, e que considerem como voraz e excessivo qualquer desejo de alimentação e cuidado consigo mesmas (...) O controle do apetite feminino - por poder público, independência, gratificação sexual - deve ser contido e o espaço público que se permite às mulheres deve ser circunscrito, limitado”* (Bordo, 1997: 26).

A autora também afirma que, em virtude de representações de gênero, ao mesmo tempo em que continuam sendo ensinadas às mulheres jovens virtudes “tradicionalmente femininas”, na medida em que elas ingressam em áreas profissionais, também precisam incorporar valores e medidas “masculinas” desse âmbito - autocontrole, determinação, calma, disciplina emocional, domínio etc. Mulher 70 diz algo muito parecido:

“Às vezes, depois de alguns dias comendo só uma vez por dia, sinto fome, mas não me importo porque sou mais forte do que ela. Não comer mesmo quando se tem fome ou pior, desejo pela comida, requer muita força de vontade. Sei que posso moldar meu corpo como eu quiser, depende muito mais de mim do que dos outros.” (Mulher 70, 30 anos).

A autora enfatiza os aspectos negativos da anorexia: *“Funcionalmente, os sintomas da desordem da anorexia isolam, enfraquecem e minam as afetadas; ao mesmo tempo, transformam a vida do corpo num abrangente fetiche todo-poderoso, ao lado do qual todos os objetos parecem pálidos e irreais”*(*ibidem*, id.: 29).

Quais são as referências femininas destas mulheres que aderem à magreza extrema? Uma das principais, como já foi dito, são as modelos da moda. Outras são as atrizes famosas. Bordo afirma que *“uma escala de representações e imagens contemporâneas tem codificado a transcendência do apetite feminino e de sua demonstração pública do ideal de esbeltez em termos de poder, vontade, possibilidade de sucesso na área profissional e assim por diante. Essas associações são conduzidas pelas supermulheres magras do horário nobre da televisão e dos filmes populares e promovidas em anúncios de propaganda e em artigos que aparecem em revistas femininas, livros de dieta e publicações sobre o controle de peso.”* (ibidem, id. pg 34).

Tais mulheres são apresentadas hoje em dia como divas da beleza e influenciam outras a se aproximar deste padrão. Há um outro dado interessante apontado pelas entrevistadas: muitas afirmam que sabem que os homens brasileiros ou estrangeiros preferem as mulheres mais “cheias” como, por exemplo, Vera Fischer, bastante citada pelos homens como uma mulher bonita. No entanto, elas preferem estar magras e elegem a atriz Carolina Ferraz, a modelo Adriane Galisteu e a atriz Débora Secco (todas bem magras) como mulheres bonitas.



Figura 3 - Gisele Bündchen

Mas a verdadeira ícone, a mais citada, foi Gisele Bündchen, que, segundo edição de dezembro de 2001 da revista norte americana “W”, é citada como “referência universal de beleza”.

Segundo Queiroz e Otta, homens com idade entre 18 e 85 consideram mulheres de peso normal e com RCQ⁸ baixo (0,70) especialmente atraentes, femininas e saudáveis. Desvios do peso normal, tanto para mais quanto para menos, reduzem a atratividade. Os pesquisadores afirmam que nas investigações em que compararam avaliações masculinas e femininas, foi constatado que o peso ideal feminino, aos olhos dos homens, é um pouco maior que aos olhos das mulheres (Queiroz e Otta, 2000: 45). A pesquisa de Goldemberg (2004) obteve o mesmo dado: *“Doenças como a anorexia e a bulimia tornaram-se uma epidemia nos últimos anos, em uma geração que cresceu tentando imitar o corpo de Cindy*

Crawford, Linda Evangelista, Claudia Sciffer e, mais recentemente, da brasileira Gisele Bündchen. Só que os homens que responderam ao meu questionário elegeram como suas musas Sheila Carvalho, Luma de Oliveira, Luana Piovanni, Mônica Carvalho e outras ‘gostasas’ que estão longe das medidas das mulheres magérrimas da passarela” (Goldemberg, 2004: 43).

As minhas entrevistadas percebem bem este divórcio entre o que os homens acham bonito e o que elas querem alcançar:

“É sempre assim. Tanto é que meu ex namorado sempre falava quando eu falava "Ah, eu preciso emagrecer, eu engordei", "imagina, você não tá, é coisa da sua cabeça". Os homens acham que você tá legal, você é que se vê meio distorcida, você nunca está bem, por mais que esteja você sempre quer emagrecer um ou dois quilos, nunca emagreceu o suficiente, sempre tem que perder mais um pouco” (Mulher 5, 22 anos).

“A mulher é sempre neurótica, quer estar sempre magra, magra, magra. O meu namorado acha que a mulher tem que ter o que pegar, não pode ser muito magra. Ele fala assim, que não tem graça mulher magra, ‘pra que eu vou namorar um esqueleto?’” (Mulher 25, 19 anos).

Assim, o corpo esbelto, embora seja indicado pelas mulheres como um trunfo na conquista de parceiros, agrada menos aos homens e mais, às próprias mulheres, sendo alvo e mecanismo de competição entre elas.

Foi-se o tempo em que mulheres de formas abundantes eram os referenciais estéticos valorizados. Goldenberg e Ramos citam Néelson Rodrigues, que muitas décadas atrás já havia notado a mudança no padrão estético, ainda mais evidente hoje. *“A paisagem carioca anda escassa de gordas. Não há mais quadris monumentais. E, outro dia, um parteiro fazia-me a confidência amarga: ‘bacias estreitas’” (Goldenberg e Ramos, 2002: 30).* Estamos longe das *“encantadoras ancas femininas”* descritas por Gilberto Freyre (1986). Hoje a gordura ou as formas mais opulentas são vistas como desleixo, como falta do investimento pessoal em si mesma, quase como um defeito que atesta uma falha no caráter,

⁸ RCQ significa relação cintura-quadril.

uma preguiça (hoje condenável pela utopia do corpo perfeita e da “malhação”)⁹. Mulher 68 diz que:

“Não importa se os outros me acham muito magra. Eu não me sinto assim, acho que estou sempre com uns quilos a mais do que deveria. Meu namorado traz doces e implora para eu engordar, diz que acha que eu vou quebrar de uma hora para outra e ele tem aflição. Se eu comer fico culpada e já acho que estou gorda. Fico sempre dividida entre passar vontade e ficar gorda. Quando não resisto e como, tomo laxantes e desconto na academia, fazendo várias horas de aeróbica. Já tentei vomitar, mas não consigo. Então, simplesmente não como” (Mulher 68, 34 anos)

Segundo Fischer (1995), vivemos uma cultura lipófoba, caracterizada por uma rejeição maníaca à obesidade. Até simpatizamos com alguns gordos, mas, no geral, suspeitamos deles: *“a fonte principal do paradoxo é que a imagem do gordo é profundamente ambivalente (...). Através de nossos corpos passamos significados corporais muito profundos. Um dos mais importantes é o seguinte: a corpulência traduz aos olhos de todos a parte de comida que nós nos atribuímos, isto é, simbolicamente, a parte que tomamos para nós, legitimamente ou não, na distribuição da riqueza social. Nosso corpo é um signo imediatamente interpretável por todos de nossa adesão ao vínculo social, de nossa lealdade às regras de distribuição e reciprocidade. Uma suspeita pesa, portanto, sobre os gordos. Mas se não podem emagrecer, eles têm uma possibilidade de se redimir desta suspeita: precisam proceder a uma espécie de restituição simbólica, aceitando desempenhar os papéis sociais que se esperam deles”* (Fischer, 1995: 70). O autor realizou uma pesquisa na França com 20 entrevistas sobre a percepção da gordura masculina. Os retratos que emergiam das respostas confirmam a existência de um duplo estereótipo do gordo. *“O primeiro é o de um homem roliço, extrovertido, dotado para as relações sociais, bancando voluntariamente o brincalhão, contando histórias no fim dos banquetes, sofrendo provavelmente por sua corpulência em seu foro íntimo, mas nada deixando transparecer. O segundo é bem diferente. É um doente ou um depressivo, um egoísta desenfreado ou um irresponsável sem o controle sobre si mesmo. O primeiro é um*

⁹ Talvez, há alguns anos atrás, ser chamada de “gostosa” fosse um elogio. Hoje, mulheres como Adriane Galisteu afirmam: “Se me chamam de gostosa, fico deprimida. Me sintocoxuda, bunduda, gorda...” (Revista da Folha, 3/9/2000).

gordo simpático. O segundo, um obeso que só suscita a reprovação, quando não a aversão.” (Fischler, 1995: 71). É claro que cada cultura determina um **limite** para distinguir as categorias de gordos, magros, obesos, mas a pesquisa concluiu que *“Era preciso sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro”* (Fischler, 1995: 79).

Em vez de vítimas de suas glândulas e de sua hereditariedade, a pesquisa revela que na maioria dos casos eles são vistos como os únicos culpados por sua condição, pois a gordura está ligada à falta de controle do apetite: sobre o gordo recai um julgamento moral. E o inverso é verdadeiro: ser magro é, por oposição, ser controlado e nossa sociedade valoriza o controle das pulsões, mais ainda se ele servir ao fim, hoje nobre, da construção do corpo perfeito. Sobre o gordo recai o estigma de ser sedentário e isto, numa cultura que tem valorizado ao extremo a atividade física, só faz aumentar a culpa sobre o gordo.

Lembremos que Rodrigues (1999), ao discutir as mudanças de sensibilidade da Idade Média para a Idade Moderna, já nos alertava que: *“Os seres bem apessoados, os homens limpos, banhados, penteados, os indivíduos atentos aos detalhes de seus corpos começaram, de modo cada vez mais intenso e sofisticado, a ser considerados também como pessoas confiáveis e aproximáveis, como gente com quem fosse possível fazer amizades, como seres a quem se pudessem abrir as portas, com quem fosse admissível partilhar refeições, casar, negociar... Em razão dos desdobramentos dessa história, estamos hoje fadados a reagir visceralmente, com asco mesmo, contra aqueles que discrepem dos ditames desta sensibilidade”* (Rodrigues, 1999: 168).

Na mesma lógica de raciocínio, e numa época em que vigoram as lógicas de culto ao corpo e a beleza, os feios, gordos, e flácidos nos aparecem hoje como displicentes. Nossa sensibilidade os rejeita. Num tempo onde ser belo (ou pelo menos, tentar sê-lo) é um imperativo e mais, passa pelo esforço do indivíduo, recusar-se ou não poder aderir a isso aparece aos nossos olhos como falta de caráter.

Quando questionadas se existe alguma discriminação sobre o gordo, as mulheres responderam:

“Olha é muito difícil, a sociedade condena as pessoas fora do padrão. Tanto que existe até um trabalho aí, com crianças obesas, que eles tinham cartas, uma era de

paraplégico, outra de débil-mental e uma carta de obesa e as crianças na faixa de 4-5 anos tinham que ler e escolher quem eles queriam que não fosse o seu amigo. O maior número de crianças escolheu o obeso. Então a obesidade é um fator limitante, isto com crianças que não tem conhecimento e não estão contaminadas com nada, que nós já temos conhecimento e já estamos contaminados, por informação, cultura, aspecto pessoal, eles não, eles são puros, preferem ter um amigo numa cadeira de rodas do que um amigo obeso” (Mulher 45, 43 anos).

Talvez o culto à boa forma e sua constante exibição enquanto espetáculo sejam menos o reflexo de uma aparente liberação física e sexual do que indícios de uma nova moralidade, que prega a conformidade com um padrão estético específico. Goldenberg e Ramos (2002) citam algumas reportagens de jornal e revistas¹⁰ em que mulheres afirmam que o problema de tirar a roupa diante de câmeras ou parceiros não está no pudor de ficarem nuas, mas no medo de não estarem com o corpo suficientemente bonito. Os pesquisadores citam exemplos: “Não gosto de ficar nua. Nem de biquíni. Tenho a impressão de que todo mundo está me observando, olhando direto para a minha celulite” (administradora de empresas, 31 anos); “é mais fácil tirar a roupa para um fotógrafo, com toda aquela produção, do que ficar nua a dois sem retoques” (Marisa Orth, atriz, 37 anos), “as mulheres que posam para a *Playboy*, hoje, são mais paranóicas com o físico do que em qualquer outra época. Querem saber o que o computador pode retocar, têm crise de choro” (Kaká Moraes, maquiador e produtor das capas da *Playboy*).

As mulheres por mim entrevistadas confirmam este dado: expor a barriga, usar calças de *lycra* coladas e na altura do púbis, os seios cobertos por *tops* minúsculos só depende de saber se o corpo está “malhado” o suficiente para isso, não passa pelo pudor do corpo em si. Mesmo com relação às roupas de banho, muitas afirmaram que não têm pudor em usar biquíni tipo “fio-dental”, mas que não o fazem porque não estão com os glúteos firmes o bastante para expô-los.

Em sua obra O processo civilizador (1990), Elias argumentou que é possível falar em moral estética justamente no período da modernidade, que parecia apontar para uma liberdade feminina nunca antes vista. Ele cita como exemplo a evolução dos trajes de

banho, mostrando que quanto mais expostos estavam os corpos, mais se exigia de homens e mulheres um auto-controle no que diz respeito às suas pulsões, contrariamente ao que se passava quando o decoro os mantinha escondidos. Vale ressaltar que na maioria das praias ou comunidades que adotam o nudismo os frequentadores também se valem de regras rígidas, punindo aqueles que permitem o afloramento das pulsões fora dos códigos estabelecidos. Ou seja, pode-se dizer que momentos de aparente relaxamento das regras, ocorrem na verdade dentro de contextos em que alto grau de controle é esperado. Sendo assim, a aparente liberação do corpo, a ênfase de que o indivíduo pode ter o corpo que quiser ter, os investimentos constantes na produção do eu, podem sugerir seu inverso, apontando para um processo civilizador.

E como a ambigüidade parece ser indissociável do processo de culto ao corpo, adquirir o corpo “malhado” ou “perfeito” conduz à inclusão da mulher no rol das mulheres felizes, desejadas, de sucesso. No entanto, como os parâmetros estão muito altos, por mais que o corpo esteja “malhado”, nunca é o suficiente, nunca nos parecemos com a moça impecável dos comerciais de cerveja, de roupas, de cosméticos, de pasta de dente, de tudo... De tão distante e inalcançável, o modelo leva à frustração, à negação do próprio corpo, à depressão... Goldenberg observa que a preocupação com a aparência e com a juventude se tornou uma obsessão entre as cariocas, provocando uma permanente insatisfação com o próprio corpo. Para ela, o corpo de Leila Diniz era voltado para o prazer, para o livre exercício da sexualidade; enquanto que o corpo de muitas mulheres hoje é mutilado e controlado e, até mesmo, apesar do desvelamento do corpo, escondido, pois ele só pode ser mostrado se estiver perfeito. É incrível como, de fator construtor de identidades, o corpo possa a ser também uma prisão, cujos carcereiros podem ser a mídia, a moda, o olhar do outro, mas sobretudo, nós mesmos, que de tão imersos no processo não o enxergamos, e quando o fazemos, também dele não escapamos.

A lógica do culto ao corpo, se por um lado promove mecanismos de identidade, também nos faz correr o risco de perder o valor ético das diferenças, gerando o aprisionamento e a falta de opção individual e minando qualquer possibilidade de transcendência. Voltamos assim, a idéia weberiana da “gaiola de ferro”: sobre o corpo

¹⁰ “Toda nudez será complicada” (*O globo*, 2/7/2000), “Ficar sem roupa, que delícia” (*Cláudia*, maio de 2001), “Elas estão loucas” (*Folha de São Paulo*, 3/9/2000).

depositam-se mecanismos de racionalidade técnica e padronização, mas sem que estes tenham destinação social humana. Eles terminam exatamente onde começam: no próprio corpo.

E a saída, parece distante; pois quando a racionalidade passa a reger todas as esferas sociais (científicas, econômicas, políticas), o único espaço que sobra é o da individualidade, que se processa, entre outras instâncias, no erotismo. Mas, como haver saída no erotismo se, no caso das entrevistadas, o corpo, veículo de prazer e liberdade, é também aprisionado por uma lógica capitalista, sendo padronizado e normatizado? No limite, a cultura da perfeição, aliada ao conhecimento técnico científico das cirurgias plásticas pode ir contra princípios éticos, incitando às mulheres a regimes e plásticas talvez desnecessárias; ou mesmo vendendo, sem se preocupar com as conseqüências, a ideologia e os riscos do culto ao corpo perfeito. Como ficam a ética e o respeito às diferenças quando se postulam ideais estanques, seja de credo religioso, seja corporal?

O que podemos concluir com relação à cultura do corpo na atualidade? Devido ao caráter polissêmico do corpo, seu conhecimento é interminável, recolocando o tempo todo tanto os limites sobre ele quanto os de nossa análise sobre suas representações. Permanentemente em construção, processo cultural por excelência, o corpo suscita mais questões do que respostas.

Portanto, encerro com perguntas: seriam os *bodybuilders* e adeptas da magreza extrema os novos sujeitos de uma história permanentemente por escrever, principais agentes de uma nova cultura do corpo? Ou seriam talvez os condenados da aparência, os novos sujeitados de uma tirania do detalhe anatômico que a utopia do corpo incessantemente produz? Como a mídia pode auxiliar a reverter este processo?

Talvez possamos ver no culto ao corpo a modernidade se realizando, com todas as contradições que a caracterizam: a técnica invadindo cada vez mais o mundo privado da casa e do próprio corpo, permitindo uma mudança corporal sem precedentes, mas também prendendo homens e mulheres em templos de vidros (ou “gaiolas de ferro”...) moldados por nós mesmos... Enveredamos por um processo de constituição de identidade calcado na obtenção e exposição do corpo perfeito que, ao mesmo tempo em que nos singulariza e nos diferencia dos outros, liberando nossa capacidade expressiva, também nos homogeneiza.

Que liberta formas que já não precisam de suportes, sustentam-se por si só, mas que são fruto de investimentos e disciplinas constantes. Que engendra novas moralidades, mas que nos faz mergulhar cada vez mais no turbilhão de um mundo regido pela aparência, que, como já destacavam Baudelaire, Benjamin e Debord, dilui as fronteiras entre realidade, arte, ficção, aparência e espetáculo.

No centro deste turbilhão, estamos nós, às vezes hipnotizados demais, às vezes encarando a esfinge e tentando encontrar sentidos no caos.

Bibliografia

BAUDELAIRE, Charles - “Le preintre de la vie moderne”, 1864, in: A Sociedade de Consumo, Lisboa, Edições 70, s/d.

BAKHTIN, Mikhail – A cultura popular na idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais, São Paulo, Hucitec, Brasília: Editora da UnB, 1987.

BENJAMIN, Walter- “Paris, capital do século XIX”, in: Os Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Ática, 1995.

BOLTANSKI, L. - As Classes Sociais e o Corpo, Rio de Janeiro, Grall, 1979.

BORDO, Susan - “O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault”, in: Gênero, Corpo e Conhecimento, Coord. Alison Jaggar e Susan R. Bordo, Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1997.

BOURDIEU, Pierre –A Distinção, São Paulo, Difel, 1984.

A Economia das Trocas Linguísticas, São Paulo, Perspectiva, 1974.

“Novas reflexões sobre a dominação masculina”, in: Gênero e Saúde, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

CERTEAU, Michel - “Histoires du corps”, Espirit, n.62, fevereiro de 1982, p. 180.

COMOLLI, Annie & **CLAUDINE DE FRANCE** - Techniques de Musculation: La Lesson, Paris, Université de Paris, Formation de Recherches Cinématographiques, 1972/73.

COURTINE, Jean Jacques - “Os staknovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”, in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant’ Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

DEBORD, Guy – A Sociedade do Espetáculo, Rio de Janeiro, Contraponto, 1992.

DEL PRIORE, Mary – Corpo-a-corpo com a Mulher: Pequena História das Transformações do Corpo no Brasil, São Paulo, SENAC, 2000.

- “Magia e medicina na colônia: o corpo feminino”, In: História das Mulheres no Brasil, Org. Mary Del Priori, São Paulo, Contexto, 2004.

– Ao Sul do Corpo – Condição Feminina, Maternidade e Mentalidade na colônia, 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

DUMONT, Louis – O Individualismo, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

EDMONDS, Alexander – “Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro”, in: Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.

ELIAS, Nobert – O Processo Civilizador, Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

FEATHERSTONE, M. *et alii* – The Body: Social Process and Cultural Theory, London, Sage, 1992.

Cultura de Consumo e Pós-Modernismo, São Paulo, Nobel, 1995.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno, in: Políticas do Corpo, org. Sant’Anna, Denize Bernuzzi, São Paulo, estação Liberdade, 1995.

FOUCAULT, Michel – Vigiar e Punir, 1978.

A Microfísica do Poder, Rio de Janeiro, Grall, 1979.

A História da sexualidade – O Cuidado de Si (vol. 3), Rio de Janeiro, Grall, 1985.

FREYRE, Gilberto – Modos de Homem. Modas de Mulher, Rio da Janeiro, Record, 1986.

FUSSEL, San - Muscle: The Confession of an Unlikely Body-Builders, New York, Poseiddon Press, 1991.

GOLDENBERG, Mirian e **RAMOS**, Marcelo Silva - “A civilização das formas: O corpo como valor”, in: Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.

GOLDENBERG, Mirian - “Apresentação”, “A conversão do pesquisador” e “O corpo cativo: sedução e escravidão feminina”, in: De Perto Ninguém é Normal, Editora Record, Rio de Janeiro, 2004.

HAIKEN, Elizabeth – Venus Envy: A History of Cosmetic Surgery, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1997.

KÉLH, Maria Rita – “Com que corpo eu vou?”, Folha de São Paulo, Mais!, São Paulo, 30/06/2202.

LASCH, Chistopher - The Culture of Narcissism, New York, W. W. Norton, 1979.

LAURETIS, Teresa de – “A tecnologia do gênero”, in: Influências e Impasses: O feminismo como Crítica da Cultura, RJ, Rocco, 1994, org. por Heloísa Buarque de Holanda.

LIPOVESTSKY, Gilles – “Le boom de lá beauté”, in: La Troisième Femme: Permanence et Revolution du Féminin, Paris, Gallimard, 1997.

MAFFESOLI, Michel – “Deixar de odiar o presente”, in: Ética e Estética na Antropologia. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC/CNPq, 1998.

MARX, Karl – O Capital, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

MAUSS, Marcel - "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a noção do eu.", in: Sociologia e Antropologia, vol. 1, São Paulo, EPU, 1974.

“As técnicas corporais”, in: Sociologia e Antropologia, São Paulo, EPU, 1974.

PERROT, Michelle – As Mulheres ou os Silêncios da História, Tradução de Viviane Ribeiro, São Paulo, EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle – Mulheres Públicas, São Paulo, Unesp, 1998.

POLIVY, Janete HERMAN, C.P.- “Diagnosis and treatment of normal eating”, in: Journal of Consulting and Clinical Psychology, 55, 635-44, 1987).

PROUST, Antoine - “Fronteiras e espaços do privado”, in: História da Vida Privada, vol 5: da Primeira Guerra a Nosso Dias, org. por Antoine Proust e Gérald Vincent, direção de Philippe Ariès e George Duby, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

QUEIROZ, Renato da Silva e OTTA, Emma - “A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal”, in: O Corpo do Brasileiro: Estudos de Beleza e Estética, Renato da Silva Queiroz Org., São Paulo, Senac, 2000.

RODRIGUES, José - Tabu do Corpo, Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

– O Corpo na História, Rio de Janeiro, Fiocruz, 1999.

SABINO , César – As Drogas de Apolo: O Consumo de Anabolizantes em Academias de Musculação, Rio de Janeiro, Lugar Primeiro, sem data.

“Anabolizantes: drogas de Apolo”, in: Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.

SANT’ANA, Denize Bernuzzi de - “Apresentação”, in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant’Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

SFEZ, Lucian - “Saúde perfeita é utopia do final do século”, in: O Estado de São Paulo, n. 788, São Paulo, 7 de outubro de 1995.

SFEZ, Lucian - “A grande saúde”, entrevista dada ao caderno “Mais”, in: Folha de São Paulo, São Paulo, 7 de abril de 1996.

SFEZ, Lucian - A Saúde Perfeita, tese sobre a imagem do corpo e da natureza nos EUA, França e Japão, Pari, 1996.

TRAVAILLOT, Yves- Sociologie des Pratiques d’Étretien du Corps. L’Évolution Portée ao Corps Depuis 1960. Paris, PUF, 1998.

VIGARELLO, George – Lê Propre et lê Sale, Paris, Seuil, 1985.

“Panóplias corretoras: balizas para uma história” in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant’Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

VINCENT, Gerald – “Uma história do segredo?”, in: História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra aos nossos dias, organização Antoine Prost e Gérald Vincent, direção de Philippe Ariès e George Duby, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

WACQUANT, Löic – Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

WEBER, Max – A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1989.

Reportagens

1. Revista Veja e Veja São Paulo

- *Veja*, “*Brasil, império do Bisturi*”, 10/01/2001.
- *Veja*, 17/01/2001.
- *Veja*, 14/02/2001.
- “*A ciência da Boa Forma: Depois de anos de estudo sobre o efeito da ginástica, os especialistas ensinam como melhorar seu corpo em poucos meses*”, *Veja*, 28/11/2001.
- “*Os exageros da plástica: os avanços da cirurgia estética são incríveis, mas é preciso evitar excessos*”, *Veja*, 6/03/2002.
- *Veja*, 11/02/2004.
- “*O poder da forma: como o design, o estilo e a aparência se tornaram fundamentais no mundo atual, definindo o sucesso ou o fracasso de pessoas, empresas e produtos*), *Veja*, 11/02/2004.
- “*Beleza a qualquer preço: Algumas mulheres chegam a gastar entre 6.000 e 15.000 reais por mês para manter a boa forma*”, *Veja São Paulo*, 03 de julho de 2002.

2. Jornal Folha de São Paulo

- *Folha de São Paulo*, 11/07/1999.
- *Folha de São Paulo*, 12/04/2001.

Jornal Nacional

Jornal Nacional, 12/10/2002.

3. Revista da Folha.

- “*Elas estão loucas*”, “*obrigação de ser linda: horas de academia, silicone e regimes de fome alimentam a obsessão feminina pela perfeição*”, *Folha de São Paulo*, 3/9/2000.

- “*O pico da vaidade: em busca de um corpo perfeito e da eterna juventude, homens e mulheres recorrem ao GH, hormônio que pode causar doenças como diabetes e hipertensão*”, 28 de janeiro de 2001.
- *Revista da Folha*, 28/01/2001.

4. Revista Tudo

Vaidade pode matar: O drama de quem se arriscou por um corpo perfeito”, *Tudo*, 04/02/2001.

5. Revista Época, Editora Globo.

- *Época*, 25/5/2001.
- *Época*, 20/08/1999.
- “*Inteligência Turbinada*”, *Época*, 03 de novembro de 2003.

6. Jornal O globo

- “*Toda nudez será complicada*”, *O globo*, 2/7/2000.

7. Revista Galileu

- *Revista Galileu*, n. 155, junho 2004.

8. Revista Ciência Hoje

- *Ciência hoje*, vol. 28, setembro de 2000.

9. Revista Boa Forma, publicação mensal, Editora Abril

Todas as edições de 1999 a 2005 (94 revistas), mas em especial (citadas no capítulo seis) as seguintes:

- *Ano 15, n. 4, edição 154, abril 2000.*
- *Ano 17, n. 3, edição 177, março de 2002.*

Ano 17, n.11, edição 185, novembro de 2002.

10. Revista Corpo, publicação mensal, ed. Símbolo.

Todas as edições de 1999 a 2005 (94 revistas), mas em especial (citadas no capítulo seis) as seguintes:

- *Ano XII n.130, outubro de 1999.*
- *Ano XVII, n.181, janeiro de 2004.*
- *Ano XVII, n.186, junho de 2004*

11. Revista Dieta Já

- *Ano 6, n. 55, abril de 2001.*
- *Ano 6, n. 57, junho de 2001.*
- *Ano 6, n. 60, setembro de 2001.*
- *Ano 7, n. 74, novembro de 2002.*

12. Revista Plástica e Beleza

Ano 12, n.17, junho de 2002..

13. Revista Cláudia

“Ficar sem roupa, que delícia”, “Cláudia”, maio de 2001.

Créditos: Mirela Berger é mestre e doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e professora substituta do CCHN, DCSO, Universidade Federal do Espírito Santo.

Agradecimentos às turmas de Biblioteconomia, História, Desenho Industrial e Comunicação Social da UFES, a meu marido Edson Silva Marques, a Sônia Missagia Mattos, e em especial aos alunos Leif Ericksson Nunes Günewald, Tom Dias e Roberta Loreiro.